

SOBRE PERALTAGENS E DESPROPÓSITOS DE CRIANÇAS PEQUENINHAS NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Vanessa Lima da Silva - GEPEDISC – Culturas Infantis – FE/Unicamp e Prefeitura
Municipal de Campinas

Jéssica Katiuscia de Lima – Prefeitura Municipal de Campinas

Vânia Freire de Mendonça Brega – Prefeitura Municipal de Campinas

Palavras chave: Infância; Criança; Educação Infantil; Creche; Pedagogia da Infância.

*“(…) Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!”
Manoel de Barros*

Este relato narra as aventuras vividas por professoras de Educação Infantil e muitos bebês do CEMEI Deputado Federal João Herrmann Neto, pertencente à região Noroeste de Campinas, localizado no Parque Itajaí IV. São vivências com as turmas do Agrupamento I (3 a 18 meses) ao longo dos anos de 2010, 2011 e 2013.

A convivência com os/as bebês nos foi alfabetizando em suas linguagens. Com o tempo aprendemos a curiosidade de quem olha e descobre o mundo e seus espaços pela primeira vez. Aprendemos a ler com a boca, com as mãos, com os pés, com o corpo inteiro. Aprendemos a “ouvir com outros olhos”¹, a saborear com o toque.

A cada quinze dias nos organizávamos em reunião de setor para conversar. Esses encontros de conversa coletiva traziam nossas observações das peripécias das crianças: “A Bianca está quase andando”, “O Bryan brincou de se esconder do Christian usando a cortina”, “A Giovanna estava tentando sair do berço”, “O João bate o bumbum na porta quando quer passear lá fora”, “A Maisa percebeu diferenças de sons ao alternar as batucadas da caneca de alumínio ora no chão, ora no tapete”... Começamos a olhar para essas cenas como indicativos a serem considerados em nosso planejamento.

Foi nesse processo de escuta dos/as bebês, de escuta de nós mesmas e com auxílio de alguns textos que pudessem nos orientar na descoberta dessa profissão a ser inventada² com a intenção de sermos professoras sem dar aulas³, descobrimos o espaço físico como parceiro de trabalho. Entendemos que a organização dos espaços pertencentes às crianças seria também um elemento educador. E, além disso, essa organização intencional traria nossas concepções de infância, de criança, de pedagogia da infância impressas, pois “*a pedagogia faz-se no espaço e o espaço, por sua vez consolida a pedagogia*” (FARIA, 1999, p. 70)⁴.

Primeiramente começamos a mudar o mobiliário de lugar. Em 2010 havia muitos berços na sala. Com a intenção de divertir as crianças e propor desafios, tivemos a ideia de organizar os berços como um labirinto (Imagem 1 e Imagem 2)⁵. Posteriormente, fomos

¹ Frase da música “Amadurecência” da trupe “Teatro Mágico”.

² Em MANTOVANI, Susanna e PERANI, Rita. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. *Pro-Posições*, FE-UNICAMP, Campinas/SP, n.28, 1999. p.75-98.

³ Em RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; MELLO, Sueli (orgs) *Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para pedagogia para as crianças pequenas*. Araraquara/SP: Junqueira & Marin, 2007, p. 57-8.

⁴ FARIA, Ana Lúcia G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma Pedagogia da Ed. Inf. In: FARIA, Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina S. (orgs.) *Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios*. Campinas/SP, Editora da UFSCar, 1999, p. 67-97.

⁵ Ver imagens em Anexos.

percebendo que tal quantidade de berços não era necessária e que manter as crianças neste móvel não era agradável a elas. Apenas marcava uma pedagogia adultocêntrica, que decidia em quais momentos a criança deveria ficar no berço ou não, além de “aprisioná-la”. Retiramos então, a maioria dos berços e os que ficaram passaram a ser usados como brinquedos (Imagem 3, Imagem 4 e Imagem 5).

Qualquer intervenção no espaço chamava a atenção das crianças. Numa tarde estávamos instalando cenários para uma futura contação de histórias e para tanto, usamos uma escada e não havia a intenção de envolver as crianças nesse processo. No entanto, uma pequena se aventurou a usar a escada junto com a professora. Ela fez o movimento de tentar subir várias vezes, com o devido cuidado permitimos que subisse e ela gostou bastante (Imagem 6). Diante disso, pensamos em uma maneira de possibilitar a diversão dela e dos/das demais em uma escada mais acessível a eles/las (Imagem 7).

Percebemos que ao modificar o espaço, poderíamos diversificar as possibilidades de brincadeiras/explorações. Assim, a sala poderia ter berços com elásticos para desafiar quem já pudesse andar e num outro lado, ter um colchonete com almofadas aconchegando quem não anda, mas pode sentar e brincar com objetos de diferentes materialidades, temperaturas, texturas. Outro conhecimento que construímos com as crianças foi a possibilidade de transgredir e re-inventar os usos dos objetos (Imagem 8), dessa forma os espaços dos/as bebês têm movimento. Os lugares de todos os dias movem-se. O mobiliário da sala caminha, vira ao contrário, tomba! Modifica-se na utilização, intenção e organização.

Durante três anos modificamos o espaço várias vezes, em um determinado dia, o playground ficou perto do vidro que dá visão para o banheiro onde os/as bebês tomam banho (Imagem 9). Uma das crianças, ao escalar o playground como de costume, descobriu que ali poderia ter a visão do banheiro. Finalmente eles/as conseguiram saber como era a “paisagem” através do vidro. Dizemos finalmente porque, depois que se apropriaram dessa possibilidade, relembramos as outras vezes que nos apontaram essa vontade de alcançar o vidro e que não notamos. Chamo de paisagem a vista que tiveram, pois foi uma conquista, como quando um/uma audacioso/a aventureiro/a escala uma montanha e ao chegar ao pico, desfruta a paisagem como recompensa. Algumas crianças ocupam o playground para dançar, para observar a sala do alto, para olhar o banheiro e tentar conversar com quem está do outro lado. (Imagem 10). Como forma de diversificar as possibilidades de exploração e diversão, em certo momento, colocamos bancos próximos ao playground. Fomos surpreendidas pelo uso que as crianças fizeram dos bancos evidenciando, mais uma vez, seus interesses pela observação do banheiro (Imagem 11 e Imagem 12).

Ao descobrir a organização do espaço físico como parceira de trabalho tivemos a necessidade de planejá-la. Estamos aprendendo a fazer esse planejamento com as crianças e não para elas. Notamos que organizar a sala com várias brincadeiras simultâneas diversifica as possibilidades e as crianças podem escolher com o que brincar. Nesta organização o papel de educar não será apenas das docentes, pois o espaço se torna também um elemento educador. As crianças não precisam prestar atenção nas profissionais o tempo todo, podem explorar e brincar livremente, sozinhas, em grupos e com as educadoras. Os pequeninhos e as pequeninhas não são vistas como seres humanos “em processo de desenvolvimento”, incapazes, submissas e rasas. Os/as bebês são criativos/as, expressivos/as, inteligentes, observadores/as, curiosos/as, falam em diversas linguagens, significam, re-significam, transgridem, criam lógicas que lhes são próprias, produzem culturas, são poéticos/as e complexos/as.

ANEXOS

Imagem 1.



Labirinto de berços e barbantes.

Imagem 2.



Bebês brincando de esconder no labirinto de berços

Imagem 3.



Berço tombado com elástico. Casco da tartaruga de brinquedo ao contrário com colchão.

Imagem 4.



Berço tombado com espelho e bexiga.

Imagem 5.



Berço tombado com espelho, coberto com voal e luz.

Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8.



Prateleira para brinquedos guardar... E se um caminho divertido para as crianças ela virar?

Imagem 9.



Imagem 10.



Imagem 11.



Imagem 12

